

***Folha Universal*, neopentecostalismo e mundanidade: analisando a identidade jornalística com a ótica dos Estudos Culturais¹**

Isley Borges da SILVA JUNIOR²
Gerson de SOUSA³
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo é fruto de trabalho de conclusão de curso que discute a identidade jornalística da *Folha Universal*, periódico impresso da maior instituição religiosa neopentecostal brasileira, a Igreja Universal do Reino de Deus. Analisamos, então, para delimitar o tema, duas reportagens de capa do periódico *Folha Universal*. Como aporte teórico utilizamos os conceitos sobre Identidade Jornalística e os da Sociologia da Religião. O trabalho está orientado sob a perspectiva teórico-metodológica dos Estudos Culturais, por meio da Análise Cultural. Como resultado, percebeu-se que o conteúdo do jornal reflete a sumária característica da última corrente pentecostal, a sua acomodação aos valores seculares, mundanos e apresenta consideráveis falhas jornalísticas.

Palavras-chave: identidade jornalística; *Folha Universal*; neopentecostalismo, Sociologia da Religião; Estudos Culturais.

1 PERTINÊNCIAS INICIAIS

Foi assistindo a uma reportagem, pela madrugada, na Rede Record que o meu interesse por pesquisar os neopentecostais veio à tona. A jornalista informava que um templo grandioso e luxuoso estava sendo construído pela Igreja Universal do Reino de Deus, para a comemoração de seus 35 anos de fundação: o “Templo de Salomão”. Na reportagem que se desenrolava, a jornalista incentivava os fiéis neopentecostais dessa instituição religiosa a não atrasarem os seus dízimos e doações, pois estes eram a fonte econômica da construção do templo. Muitos mostravam os seus rostos felizes e realizados por terem conseguido contribuir com o empreendimento que visava a tornar-se um espaço de oração e congregação. O pastor,

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação da região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Graduado em Comunicação Social: Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia, mestrando em Geografia (com ênfase em Geografia Cultural) pela Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal, email: isleyborges@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, email: gerson@faced.ufu.br.

depois de transmitida a reportagem, afirmava taxativamente que o nosso país precisava de um templo como aquele, pois cheio estava de gente desesperada, que clamava por auxílio.

A partir da leitura de uma aula especial ministrada pelo falecido professor e sociólogo da religião da Universidade de São Paulo, Antônio Flávio Pierucci, entendi que as religiões contemporâneas, *a priori*, são as principais responsáveis pela individualização da pessoa. Nessas congregações, seus membros constituem laços puramente religiosos, identidades adquiridas. Não se trata, portanto, de pessoas, com identidades herdadas, mas aquelas desenraizadas de seus clãs naturais, buscando em seus irmãos de fé conforto para as suas querelas mundanas, já que, de modo geral, seus irmãos de sangue por perto não estão. Compreendi que são estes os indivíduos que não medem forças para que o “Templo de Salomão” inicie logo o seu funcionamento.

Além de assistir à reportagem sobre o “Templo de Salomão”, assustaram-me, também, os números do último Censo, publicado em 2010, sobre as religiões no Brasil. O número de evangélicos cresceu seis por cento (em 2000, representavam 16% da população; em 2010, representavam 22%). Grandes sociólogos da religião como Antônio Flávio Pierucci (1996), Reginaldo Prandi (2008), Ricardo Mariano (1999), dentre outros, afirmam que são os neopentecostais⁴ os responsáveis por essa mudança significativa da dinâmica do campo religioso tupiniquim. O sucesso em angariar fiéis dessa última corrente pentecostal deve-se, sobretudo, à sua acomodação aos valores mundanos e à flexibilização ou inexistência de exigências éticas e estéticas para os fiéis em ato ou potência. Essa acomodação e flexibilização dos neopentecostais para com o seu público, não acomete os seus líderes religiosos à incoerência ou constrangimento (e nem poderíamos exigir isso, já que o neopentecostalismo é incoerente por natureza) quando, por exemplo, fazem utilização efetiva dos meios de comunicação e de performances espetaculosas para convencimento dos indivíduos.

Em fevereiro deste ano, quando fui à Igreja Universal do Reino de Deus para executar um trabalho de campo da disciplina “Religião e Sociedade”⁵, um dos obreiros colocou em meu colo um exemplar do periódico *Folha Universal*. Antes daquele dia, nunca havia folheado ou lido qualquer exemplar do jornal e, por não ser objeto de interesse para mim naquela ocasião, deixei-o de lado. Só quando o Prof. Dr. Gerson de Sousa, meu orientador nesta

⁴ A Pesquisa Datafolha de 1995 mostrou que 48% dos fiéis neopentecostais antes faziam parte da religião Católica. Além disso, 17,6% deles, antes de se converterem ao neopentecostalismo, declaravam-se sem religião (PRANDI, 1996).

⁵ A disciplina é ofertada anualmente pelo Instituto de Ciências Sociais da UFU. É eletiva e foi ministrada, no último semestre, pela Prof^a. Dr^a. Mariana Côrtes.

investigação, sugeri que eu desse mais atenção ao veículo, é que do fundo do meu armário ele foi retirado. Descobri, através de uma conversa com um dos bispos da igreja, que a *Folha Universal* começou a circular em 1992. Entretanto, encontram-se disponíveis no sítio da Universal apenas as edições a partir do ano de 2010.

Ao fazer uma leitura pormenorizada de algumas edições, pareceu-me que tal veículo comunicativo refletiria a ideologia e o *modus operandi* da instituição religiosa que o financia, mas até que ponto a instituição religiosa interfere na práxis jornalística? Ou seja, a *Folha Universal* é um produto jornalístico ou apenas um refratário onde despeja-se o discurso teológico dos neopentecostais? *In nuce*, podemos considerar o jornal uma extensão ideológica dos fiéis ou fruto do jornalismo, com identidade jornalística?

Estudar essa apropriação do discurso jornalístico para o tratamento de temáticas caras para uma instituição religiosa pode despertar-nos o desejo de colocar à baila questionamentos que mais parecerão crises identitárias: o que é o jornalismo? O jornalismo possui uma identidade? Se sim, qual é esta identidade? Poderemos encontrar na *Folha Universal* uma identidade jornalística ou ali é apenas um novo lugar para fazer-se emergir o discurso teológico neopentecostal? Qual o sentido de se apropriar de um jornal e gastar com a sua publicação, subutilizando a potencialidade jornalística de um veículo impresso, em vez de investir e disseminar o discurso religioso pelas redes sociais para os seus fiéis?

2 APORTE TEÓRICO METODOLÓGICO

A investigação foi orientada, teoricamente, sob a luz da Sociologia da Religião (WEBER, 1991; MARIANO, 1999), dos estudos sobre Identidade Jornalística (ALBUQUERQUE, 2004; BRUCK, 2011) e, teórica e metodologicamente, com a ótica dos Estudos Culturais, a partir da Análise Cultural (ESCOSTEGUY, 2001; MARTÍN-BARBERO, 2003; WILLIANS, 2005; HALL, 2008). Nossa metodologia de pesquisa é, também, baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002; GEERTZ, 1978; LÜDKE; ANDRÉ, 1986), porque o nosso objetivo não é quantitativo, mas interpretativo. Nossa metodologia, cabe salientar, não nos permitiu olhar para apenas um aspecto das práticas humanas, mas exigiu que saíssemos do conforto do lugar comum para, assim, analisar os múltiplos aspectos e causalidades de um determinado fenômeno, observando sempre o contexto histórico e social. Segundo Kellner (2001, p. 39):

Os estudos culturais delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores, representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o

modo como esses fenômenos se inter-relacionam. Portanto, situar os textos culturais em seu contexto social implica traçar as articulações pelas quais as sociedades produzem cultura e o modo como a cultura, por sua vez, conforma a sociedade por meio de sua influência sobre indivíduos e grupos.

Para construção de nosso *corpus* de pesquisa original, consideramos todas as edições da *Folha Universal* publicadas nos últimos quatro anos (de 2010 a 2013), por entender que essa dimensão temporal nos levaria a resultados bastante atuais acerca da identidade jornalística do periódico, uma vez que a equipe profissional de jornalistas raramente é fixa, dando margem para refletirmos sobre a consequente mudança da identidade jornalística a partir da rotatividade de funcionários do jornal. Ademais, para que conseguíssemos selecionar edições publicadas ao longo de um ano, escolhemos uma edição para cada um dos trimestres dos últimos quatro anos, a saber: ed. 938, de 28 de março a 03 de abril de 2010; ed. 998, de 22 a 28 de maio de 2011; ed. 1061, de 05 a 11 de agosto de 2012; ed. 1130, de 01 a 07 de dezembro de 2013.

Nesta ocasião, apresentamos a análise das duas últimas reportagens do *corpus*, publicadas em 2012 e 2013, dando destaque para as questões relacionadas à identidade jornalística da *Folha Universal*.

3 NEOPENTECOSTALISMO: O NOVO PENTECOSTALISMO TUPINIQUIM

Mariano (1999) esforça-se em seu trabalho na ordenação do campo pentecostal brasileiro a partir da análise de sua dinâmica histórico-institucional, levando em conta as modificações ocorridas em seu discurso teológico, paulatinamente ao seu progressivo processo de aculturação das mensagens religiosas importadas; de seu comportamento de ruptura com o ascetismo e consequente dessectarização e acomodação aos valores mundanos. Para isso, utilizando-se do debate contemporâneo das tipologias atuais, o autor classifica o pentecostalismo em três correntes: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo.

De acordo com ele, no Brasil, a corrente evangélica pentecostal chegou por volta de 1910, 1911, com a instalação das igrejas Congregação Cristã no Brasil, fundada por italianos, e a Assembleia de Deus, fundada por suecos. Vale ressaltar que os pregadores responsáveis pela fundação de tais instituições religiosas formaram-se nos Estados Unidos antes de virem para o Brasil. Ainda é bom dizer que as duas instituições religiosas em questão “sempre apresentaram claras distinções eclesiásticas e doutrinárias que, com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de acomodação social bem distintas” (MARIANO, 1999, p. 23).

Características dessa “primeira onda” do pentecostalismo – também chamada de pentecostalismo clássico - são o anticatolicismo, o dom de línguas, a crença na volta de Cristo, a salvação paradisíaca, o sectarismo/ascetismo e a rejeição do mundo exterior.

No ano de 1950 emerge um segundo movimento de pentecostais, nas palavras do autor, o deuteropentecostalismo, proposto por migrantes norte-americanos na Cruzada Nacional de Evangelização. Em sua obra, Mariano (1999) chama atenção para a dificuldade de classificação de instituições religiosas dessa época, uma vez que muitos são os dissensos entre os estudiosos no que tange à nomenclatura e caracterização da corrente. Desse movimento, caracterizado como “segunda onda”, surge a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Casa da Bênção, para citar algumas. Podemos elencar como características desse segundo momento do pentecostalismo a cura divina, o evangelismo de massa (que faz utilização dos meios de comunicação) e a fragmentação denominacional. Cabe salientar que não existe rompimento teológico com a “primeira onda” pentecostal (MARIANO, 1999).

Eis, então, que chegamos aos neopentecostais, “terceira onda” do pentecostalismo. Demarca um corte histórico-institucional com os pentecostais e apresenta caráter inovador. O neopentecostalismo tem a sua gênese na segunda metade dos anos 70 e expande e se fortalece nas décadas seguintes, de 1980 e 1990. A Igreja Universal do Reino de Deus (RJ, 1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (RJ, 1980) e a Igreja Cristo Vive (RJ, 1986) são as principais instituições religiosas surgidas nesse período. Esse movimento apresenta uma ruptura teológica considerável com o pentecostalismo clássico e com o deuteropentecostalismo, principalmente por deixarem de negar o mundo e passarem a afirmá-lo (MARIANO, 1999). Enquanto os dois movimentos anteriores traziam em sua constituição a ideia de salvação, a noção de que vivemos em um mundo ruim e de pecados, o neopentecostalismo volta-se para questões deste mundo: econômicas, sentimentais, espirituais⁶. Além disso, nas instituições religiosas neopentecostais as exigências éticas e estéticas são cada vez menos rígidas. Podemos citar como sumárias características dessa “terceira onda” pentecostal a acomodação aos valores mundanos, o caráter de empresa, com instituições religiosas burocratizadas (a lógica é sempre a do cliente-fiel), a guerra contra o diabo e a teologia da prosperidade⁷.

⁶ Quando consultamos a agenda de atividades da Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, nos deparamos com cultos intitulados “Dia da Prosperidade Econômica”, “Terapia do Amor”, “Noite da Salvação”, “Noite do Descarrego”, ou seja, momentos congregacionais voltados à resolução de problemas deste mundo.

⁷ *Grosso modo*, a Teologia da Prosperidade seria um movimento contrário ao da Ética Protestante, investigada por Weber na obra “A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Nesta, a riqueza era uma consequência não

Quando dizemos que os neopentecostais acomodaram-se aos valores mundanos significa dizer que pouco ou nada refletem sobre o além-vida, sobre o que viria após a morte. Com o ligeiro processo de modernização do país, a partir de 1970, e, por conseguinte, a mobilidade social dos fieis pentecostais, as juras da sociedade do consumo, a expansão do serviço de crédito aos consumidores, os apelos atraentes da moda, o alargamento das opções de lazer e entretenimento criado pela indústria cultural, “essa religião ou se mantinha sectária e ascética, aumentando a sua defasagem em relação à sociedade e aos interesses ideais dos crentes, ou fazia concessões” (MARIANO, 1999, p. 148). E fizeram as concessões: ajustaram, gradativamente, o seu discurso e as suas práticas teológicas. Não quer dizer que não exista um tensionamento entre a acomodação aos valores do mundo e a negação dos valores do mundo, mas a acomodação, no caso dos neopentecostais, é a característica que tem vencido a batalha do mundano *versus* santo.

Passaram, então, a afirmarem o mundo ao invés de negá-lo; voltaram-se para questões mundanas, como a infidelidade, as dívidas, a inveja, os relacionamentos amorosos. Prova disso são os seus cultos, majoritariamente temáticos e voltados à resolução prática de contendas do cotidiano. Outra demonstração de tal acomodação à mundanidade é a liberalização dos tradicionais usos e costumes de santidade pentecostal: o estereótipo do crente com Bíblia debaixo do braço e roupa social já não condiz com a realidade.

Quanto ao discurso teológico desta corrente pentecostal, este foca-se sobretudo na manutenção de uma guerra contra o diabo (instaurada, sobretudo, no início dos anos 90) e na teologia da prosperidade. O diabo, para essa corrente do pentecostalismo, diz respeito, principalmente, às divindades cultuadas por outras religiões, como os espíritos de luz, orixás, caboclos, guias, dentre outros. Mariano (1999) explica que o diabo é uma figura ambígua para os neopentecostais: ao mesmo tempo em que é inimigo de Deus, precisa existir para reforçar o poder do divino. Para o líder da Igreja Universal, Edir Macedo, os demônios são os causadores de todos os males da humanidade. Estão no futebol, na política, nas artes, na religião (MACEDO, 2006).

A guerra do “exército de Deus” contra o diabo e o seu secto de demônios é prova concreta da intolerância religiosa e arbitrariedade evangélica ainda presentes em nosso país, que abriga as religiões mais diversas. A própria mídia brasileira já noticiou inúmeros casos que ilustram essa guerra santa que já matou indivíduos e destruiu terreiros de umbanda e candomblé.

desejada da dedicação ao trabalho e a frugalidade. Naquela, a riqueza é desejada e o meio para consegui-la é o sacrifício: você vai ser ofertado se ofertar a Deus.

Mariano (1999, p. 123-124) reuniu alguns relatos dados à imprensa de intolerância religiosa por parte dos neopentecostais:

A frente, o trio elétrico do bloco carnavalesco Skulaxo tocava *reggaes* e lambadas. Atrás do trio, quase 5 mil pessoas recrutadas pela Igreja Universal do Reino de Deus, com sede no bairro Utinga (Salvador), carregavam flores e exibiam faixas e cartazes pedindo o fim dos sacrifícios de crianças nos “terreiros de macumba” (*Jornal do Brasil*, 16.8.89);

Há poucos dias, uma mulher usando um turbante próprio dos umbandistas foi expulsa por evangélicos do ônibus em que viajava, na zona norte do Rio (*Veja*, 30.11.88);

(...) moradores da travessa Santa Martinha, na Abolição, denunciaram ontem os freqüentes ataques praticados contra o Centro Espírita Irmãos Frei da Luz, vizinho do templo. Ontem, ainda traumatizados e apavorados com a violência do dia anterior – quando cerca de 500 frequentadores da Igreja Universal fecharam a rua e agrediram a pedradas os umbandistas -, os moradores pediram providências às autoridades para que sejam evitados novos conflitos (*O Globo*, 7.7.89);

Em agosto de 1990 um pastor da Universal, no templo de Santa Cecília (SP), disse que a estátua de Iemanjá na Praia Grande, litoral sul de São Paulo, estava sem uma das mãos. Em seguida, rindo, afirmou que isto foi “o resultado de uma paulada só”.

(...) o auxiliar de marceneiro José Targino, de 30 anos, adepto da seita do ‘bispo’ Macedo, matou, com um golpe de marreta, o biscateiro Josimar Vaz dos Santos, de 40 anos, umbandista (...) na Rocinha. Segundo a polícia, há algum tempo José Targino, como membro da Igreja Universal, vinha tentando fazer com que Josimar abandonasse a umbanda e entrasse para sua seita. A insistência de Targino e as recusas de Josimar acabaram por gerar uma inimizade entre os dois; após uma discussão mais séria, José Targino aproveitou-se de que Josimar estava dormindo sozinho em seu barraco, anteontem à tarde, e arrombou a porta, matando-o com uma marretada na cabeça (*Veja*, 25.4.90).

O alvo principal, parece-nos claro, são religiões como a umbanda e o candomblé. Todavia, a guerra contra o diabo não fica reclusa apenas ao combate a determinadas religiões. Para os neopentecostais, o diabo está por toda a parte e precisa ser definitivamente vencido.

No que se refere à teologia da prosperidade, componente representativo da modificação da mensagem pentecostal por sua última onda, trata-se de uma doutrina que defende a existência direta da relação entre a bênção financeira e o desejo de Deus. Para os neopentecostais, então, se o fiel é crente e temeroso a Deus será também próspero materialmente, uma vez que os indivíduos foram destinados à vitória nesta vida, não no além, após a morte. O fiel frequenta a instituição religiosa e a vida financeira não melhora? Culpa dele, responderiam os neopentecostais, que não possui fé e esperança suficientes. Como fiéis

neopentecostais lidam, portanto, com tamanha responsabilidade sobre as suas costas? O que os leva a acreditar que o seu sucesso e prosperidade financeira têm a ver com o quanto ele doa a Deus por meio do dízimo e contribuições à igreja? A teologia da prosperidade não é nova, acredita-se que tenha surgido nos Estados Unidos da década de 1950, mas ainda serve para a doutrinação dos fiéis em questão.

Por fim, é oportuno explicar que o neopentecostalismo não possui apenas as características para as quais nos atentamos. Trata-se de uma corrente do pentecostalismo constituída por elementos variados e muito distintos, que se diferenciam de uma instituição religiosa para outra. Nas palavras de Mariano (1999, p. 47):

Quando dividimos o pentecostalismo em três vertentes, demarcamos suas genealogias, seus vínculos institucionais, delineamos suas principais características, confrontamos suas diferenças e semelhanças, estabelecemos suas distinções, quando enfim as classificamos, não estamos com isso supondo que tal construção tipológica dê conta totalmente desse universo religioso tão complexo, dinâmico e diversificado. Sua função é bem mais modesta: visa ordenar a realidade observada, tornando-a inteligível e passível de análise. Quanto a isso, cumpre lembrar que tanto os tipos ideais como todo e qualquer aparato conceitual não respondem a retratos literais ou fidedignos da realidade, nem a traduzem plenamente. Longe disso. São instrumentos toscos e generalizantes pelos quais procuramos pensa-la, ordená-la e compreendê-la.

Este artigo objetiva, portanto, discutir a identidade jornalística de um meio de comunicação que possui nítidas filiações ideológicas e que, em exato grau, reflete as caracterizações de tais atrelamentos. Em resumo, instituição religiosa evangélica neopentecostal, por estar condicionada à mundanidade, produz um jornal secular, do mundo, que aborda temáticas que dão conta da materialidade da vida e, não, das questões santas ou religiosas.

3. IDENTIDADE JORNALÍSTICA

De acordo com Albuquerque (2004), de um modo geral, os conglomerados comunicacionais de hoje estão mais comprometidos com a lógica empresarial capitalista do que dependentes de algum partido ou facção política. O autor ainda aponta para um evidente avanço na constituição de uma identidade profissional jornalística, uma vez que existe nos jornalistas de hoje um acordo sólido quanto ao papel que a imprensa precisa desempenhar na democracia.

Entretanto, o autor tece consideráveis críticas às comparações que são feitas entre o modelo brasileiro e o modelo americano de jornalismo. Um exemplo de comparação

esdrúxula, diz ele, é quando sugerem “que a sociedade brasileira é, ela mesma, incoerente, e que isso afeta a imprensa”. Para o autor, não há porque o jornalismo brasileiro se parecer com o americano, uma vez que eles são sínteses de ambiências culturais, econômicas, políticas e legais bastante distintas. Então, há que se conversar sobre valores míticos do jornalismo (descaradamente importados dos Estados Unidos), como a objetividade, a imparcialidade e a neutralidade, uma vez que eles são fruto de uma realidade específica, que não nos pertence. Wolf (1999), inclusive, faz referência à existência de uma “mitologia profissional” do jornalista, constituída por imaginários e representações que dariam conta de preencher as lacunas de entendimento e compreensão da práxis jornalística.

Em uma publicação de 2011, intitulada “Jornalistas e Teorias: uma conciliação possível?”, Mozahir Salomão Bruck, no empreendimento de esmiuçar o que seria identidade jornalística, afirma que para a sua constituição faz-se necessário levarmos em consideração quatro fatores: a) o que é o acontecimento e o que é a notícia; b) as rotinas produtivas da profissão; c) os constrangimentos organizacionais e d) a formação teórica dos jornalistas. O autor explica que o jornalismo é feito da frugalidade do cotidiano e que, por essa razão, exige uma rotina produtiva complexa, que leve em conta a coleta, a seleção e a apresentação de conteúdos.

Em nosso trabalho, para análise da identidade jornalística da *Folha Universal* levamos em conta o primeiro fator ressaltado por Bruck (2011), acerca do acontecimento e da notícia. Investigamos qual foi o fato gerador de cada reportagem de capa analisada, ou seja, o que a torna um material jornalístico? O que aconteceu para que aquela temática fosse tratada jornalisticamente: apurada, escrita, editada e publicada? E poderíamos ir além: caso não existisse um acontecimento que justificasse o material apresentado como jornalístico, qual o motivo da inserção daquele texto em um jornal?

No momento de coleta de informações, por exemplo, o jornalismo de hoje negaria o essencial da ideologia de sua profissão, já que o sujeito jornalista não é aquele que vai à caça das notícias, mas o que conta com redes estáveis de fontes, que, geralmente são agências ou empresas. O processo de seleção também é problemático, pois o “funil”, na maioria das vezes, obedece ao poder econômico, fazendo ecoar pelos veículos apenas o que para eles é conveniente. A apresentação ideal de uma história – calcada no acontecimento – seria a que possuísse princípio, meio e fim, algo difícil com os *dead-lines* mais apertados a cada dia que raia.

No que se refere aos constrangimentos organizacionais, ancorando-se em Traquina (2004), Bruck (2011) explica que existe por parte dos jornalistas certo conformismo com a

política editorial da organização para a qual trabalham: o cenário de manifestação da cultura profissional transformou-se no cenário de manifestação da cultura organizacional. O autor enumera quatro constrangimentos organizacionais comuns, a saber: a) a autoridade institucional e as sanções; b) os sentimentos de obrigação e estima por superiores; c) o prazer da atividade e d) o tratamento das notícias como valor. Tais constrangimentos, por vezes, são barreiras para que o jornalista exerça a sua profissão de maneira plena.

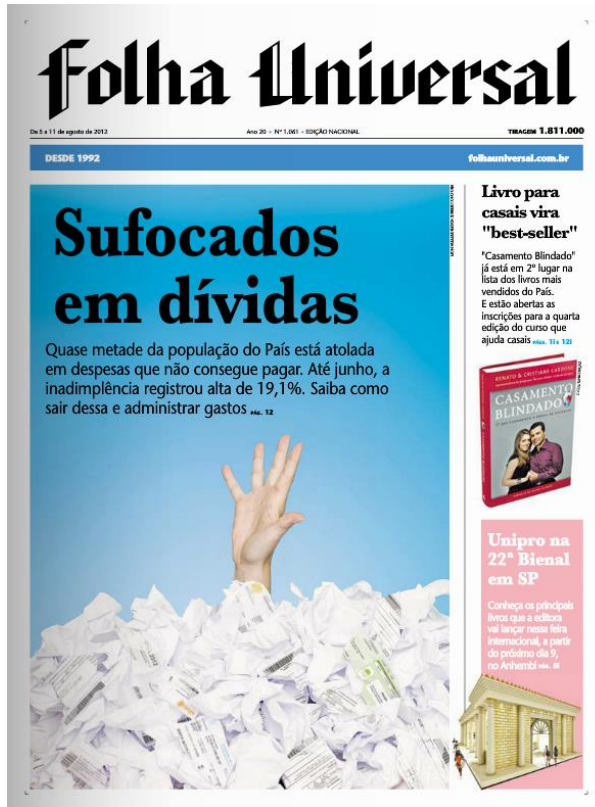
Por último, mas não menos importante, Bruck (2011) discute se jornalistas dão ou não importância para as teorias do jornalismo. Ele conclui que existe uma grande distância entre o jornalista que está no mercado de trabalho e a academia. Sua investigação mostra que a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) sempre defende a qualidade de ensino na graduação. Mas apenas na graduação. O autor revela que nos congressos da Federação fala-se muito pouco ou quase nada acerca das pós-graduações.

Bruck conclui o estudo trazendo as vozes de Eduardo Meditsch e Nelson Traquina. O primeiro, acredita que a teoria precisa se aproximar da prática, buscar respostas a problemas relevantes da profissão. O segundo, diz que o jornalista, muitas vezes, não tem a noção da complexidade de seu trabalho, uma vez que tem como meta principal “completar o seu dia”, fechar o seu jornal. Resposta certa, exata para esses dilemas é fato que não teremos, mas cada uma delas aponta para a constituição do que chamamos de identidade jornalística.

5 ANALISANDO A FOLHA UNIVERSAL

5.1 Marcas identitárias do sujeito jornalista em “Sufocados em dívidas”

A primeira edição analisada, de número 1061, foi publicada na semana de 05 a 11 de agosto de 2012. Nela, a reportagem especial de capa teve título, na capa, de “Sufocados em dívidas?”. A reportagem em análise, intitulada “Devo, não nego. Como pagar?”, é objetiva, possui linguagem clara, recorre a diversas fontes e apresenta dados consistentes de pesquisas. Em suma, é um material jornalístico da melhor qualidade. Talvez, caso fosse eu o jornalista responsável por ela, não elaboraria nada muito diferente do que li. Cumprindo a proposta de “objetividade” jornalística, recorrente, sobretudo, em textos informativos, a *Folha* traz um novo contexto para demarcar a teologia da prosperidade, seja ele o da compreensão de que, para alcançar o sucesso, é preciso planejamento. Números e entrevista com especialista corroboram para a legitimação de mudança no valor atribuído ao econômico – sustentáculo discursivo da prosperidade.



A afinidade entre religião e economia pode ser notada em variados tempos históricos. Poderíamos citar, por exemplo, as relações entre ética protestante e o capitalismo industrial, as comunidades eclesiais de base e os ideais socialistas, dentre outras. No que se refere aos neopentecostais, porque são acomodados aos valores mundanos, acamados também estão com o sistema econômico capitalista vigente, que têm pilares na financeirização, na meritocracia e no neoliberalismo. Portanto, não é coerente afirmar que o capitalismo, por gerar dívidas, torna-se obstáculo para a efetivação da prosperidade dos neopentecostais. O

assertivo seria dizer que o problema são as dívidas, ocasionadas pela ausência de planejamento financeiro. Para os neopentecostais, destacamos, é possível ser próspero dentro do sistema capitalista.

O fato gerador da reportagem remonta a um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada que diz que a inadimplência – característica dos que devem e não conseguem pagar – conta com índice alto, de 19,1%. O argumento desenvolvido na órbita de tal fato é o de que os indivíduos são pouco organizados e não se planejam para os seus gastos e, por isso, devem: compram mais do que podem. São trazidas para a matéria vozes de gastadores que conseguiram controlar os gastos e poupar (casados e solteiros), de um especialista em finanças e de uma supervisora de assuntos financeiros. As infografias, cabe ressaltar, cumprem papel fundamental para apresentar roteiros de planejamento financeiro, com informações passo a passo sobre como se organizar financeiramente.

Cabe a nós, enquanto pesquisadores, então, questionar a razão que levou a jornalista Rebeka Figueiredo a optar pela objetividade jornalística em reportagem por ela escrita, quando os seus colegas de redação que produziram a primeira e segunda reportagens analisadas por nós sequer tinham o cuidado de apurar as informações para o estabelecimento de um fato gerador que desse subsídio para o desenrolar das temáticas. Porque, para tratar da temática das dívidas, este recurso jornalístico vem à tona no jornal? Seria uma estratégia para a efetivação e legitimação do discurso da necessidade do planejamento financeiro?

A objetividade jornalística, bem sabemos, suscita nos leitores confiança e credibilidade no veículo de comunicação. Especificamente no caso analisado, em nossa compreensão, por causa da identidade jornalística nítida do texto, os leitores, muito possivelmente, tomariam como verdade apregoada pelo material, como já dito, a necessidade de planejamento de seus gastos para galgarem o objetivo-fim da saída da inadimplência, do mundo das dívidas. Batendo a porta de saída do mundo das pendências financeiras, só assim, é possível considerar-se próspero. Prosperidade com dívida não é prosperidade.

A reportagem analisada, por fim, “prepara o terreno” para a discussão da prosperidade, do sucesso e da mudança de comportamento no que tange ao planejamento com os gastos. Lançando mão da objetividade jornalística, a *Folha Universal* oferece a seus leitores uma discussão que não objetiva superar sistemas ou estruturas, mas doutrinar indivíduos para melhor viverem em uma realidade desigual onde apenas o fiel é o culpado por não conseguir prosperar financeiramente em sua vida.

5.2 Marcas identitárias do sujeito jornalista em “Pornografia: vício quase secreto”

A segunda edição analisada, de número 1130, foi publicada na semana de 01 a 07 de dezembro de 2013. Nesta edição, a reportagem especial de capa teve título, na capa, de “Ela está no meio de nós”. O abre da reportagem informa que os acessos a sítios pornográficos no Reino Unido estariam, a partir daquela época, bloqueados e, caso fossem acessados, ficariam registrados na conta no final de mês. O primeiro ministro daquele país, segundo o texto, teria aconselhado os maridos a dialogarem com as suas esposas sobre o fato para que elas não fossem surpreendidas caso algum rastro questionável fosse deixado. Logo o Reino Unido, país distante e com distinto contexto sócio-histórico-cultural, serviu de motor para o desenrolar da matéria jornalística.

Observa-se, então, a inexistência de um fato gerador, de um acontecimento que passasse pelos critérios de noticiabilidade para transformar-se em notícia, em reportagem. Pareceu-nos que a temática foi pensada antes de seu fato gerador, propiciando uma lógica inversa, um caminho contrário ao da técnica jornalística apreendida nas academias e escolas de comunicação: ressuscita-se um tema conveniente e justifica-se a sua publicação por meio de um fato relacionado, independente do grau dessa relação.

Rê Campbell, jornalista que assina a reportagem, deixa claro que não cumpriu com êxito a tarefa da apuração. Caso tivesse voltado a sua atenção para a literatura sobre a pornografia, teria chegado a resultados mais densos acerca da temática. É claro que uma

reportagem não é construída apenas pela jornalista que a assina, ela também passa pelas mãos dos editores e revisores, indivíduos que, em certa medida, interferem na construção argumentativa e jornalística do material. Além disso, há que se levar em conta os constrangimentos institucionais aos quais a jornalista, supostamente, tenha sido submetida para que o texto estivesse em consonância com a linha editorial do veículo. Todavia, é ela a responsável pelo conteúdo que, por sua vez, apresenta falhas que vão desde o estabelecimento da pauta até a fase final, de publicação.



Não fica claro, após leitura da reportagem, por exemplo, se o jornal trata a pornografia ou o vício na pornografia como o problema. Ora se fala em pornografia em um sentido mais amplo, aludindo que qualquer forma de consumo de material pornográfico poderá ser prejudicial; ora se fala em vício na pornografia, distanciamento da realidade e aproximação da virtualidade, compulsão sexual. Ainda se fala em “material erótico” na linha fina da reportagem. Como exposto na segunda seção deste capítulo, “erotismo” e “pornografia” adquiriram, ao longo da história, significados diversos, que demarcam relações de poder e, conseqüentemente, suas

formas de utilização.

Como na reportagem analisada no capítulo anterior, dados de muitas pesquisas são citados e comentados ao longo do texto. O objetivo é o de respaldar cientificamente a discussão sobre sexualidade. Porém, o respaldo é falso: os dados são simplesmente inseridos no lugar do debate de ideias e contrapontos sobre a temática. A opção, neste caso, pela forma em detrimento do conteúdo, a um leitor distraído, passa em branco, sem que ele perceba as deficiências menos superficiais do material jornalístico.

Em meados da reportagem, um casal é apresentado aos leitores: Sônia e Marcos Simão. A jornalista conta que após os distanciamentos de sua esposa, o marido fora recorrer aos filmes pornográficos na internet. A linha argumentativa do texto, todavia, caminhava em outra direção, dizendo que eram os filmes pornô os responsáveis pelos distanciamentos dos casais. Pareceu-nos, então, que a matéria era menos sobre pornografia e mais sobre crise nos

relacionamentos contemporâneos. A *Folha Universal*, portanto, não deixou nítido sobre o que estava tratando na reportagem, faltou clareza e objetividade.

Outra questão que deve ser abordada é a publicidade nada mascarada presente na última página da reportagem de capa. Após expor toda a negatividade e prejudicialidade da pornografia para si e para sua vida a dois, o livro “Casamento Blindado”, escrito por apresentadores do programa “The Love School”, que vai ao ar pela TV Record e baseia-se no discurso teológico neopentecostal para falar sobre casamentos, é anunciado como instrumento indispensável para “melhorar a vida a dois”. O anúncio é veiculado em formato de notícia correlata, contendo manchete e linha de apoio próprios. Fica clara a utilização de um material jornalístico para a publicidade de um livro que tem a ver com a linha argumentativa da reportagem.

Portanto, a reportagem analisada não conseguiu dar conta da temática e não hesitou em apresentá-la a partir de uma visão do senso comum, pouco embasada em sólidos argumentos ou dados concretos da realidade. O fato gerador, aspecto que analisamos para investigar a identidade jornalística do veículo, é praticamente ausente, o que compromete a qualidade do texto, dos assuntos (que mais parecem achismos), enfim, da reportagem jornalística.

6 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho discutiu de maneira transversal o neopentecostalismo e a sua característica de acomodação aos valores do mundo, a partir de análises do periódico semanal da Igreja Universal do Reino de Deus, a *Folha Universal*, sob a perspectiva dos Estudos Culturais. Para que isso fosse possível tivemos que ultrapassar as barreiras das áreas de conhecimentos e buscamos sustentáculos de aportes teóricos e metodológicos de campos afins, como a Sociologia da Religião e os Estudos Culturais. Mas não é por esse motivo que este trabalho é menos da Comunicação Social. O que ocorreu foi que o material analisado acomodava conteúdo que ia muito além do jornalismo: chegava aos horizontes do sócio-cultural, da vida em sociedade, estando ele em interface com a comunicação.

Foram duas reportagens de capa analisadas que veicularam algum valor do mundo – dívidas, pornografia. Isso significa que o periódico *Folha Universal*, por ser de propriedade de uma instituição religiosa neopentecostal, reflete o seu *modus operandi*, também comportando a sumária característica da última onda pentecostal brasileira: a de acomodação aos valores do mundo, negação do ascetismo e liberalização de seus costumes de santidade. Igreja evangélica, portanto, cristã, santa. Jornal secular, logo, mundano, profano, temporal. Mas

até que ponto os valores atribuídos ao cristão e ao secular não se misturam? Até o surgimento do pentecostalismo, corrente pentecostal que, sem resguardos, afirma o mundo em que vivemos, nele se ajeita e a partir de seus conceitos e preceitos se (re)formula. Quando o jornal falou das dívidas, tratou-as como obstáculo para a prosperidade e utilizou o discurso teológico neopentecostal como aporte para assim considerá-las. Quando quiseram discutir a temática pornografia, em edição analisada por último, o jornal sequer conseguiu delimitar o assunto central da matéria (pornografia, vício em pornografia ou crise nos relacionamentos) e sustentá-la utilizando-se de dados concretos, expostos no texto.

A maneira como a instituição religiosa apropriou-se de um veículo de comunicação como extensão de seu discurso teológico merece atenção, vale ressaltar. Utilizando-se de um material com forma jornalística (diagramação, estruturação e linguagem), a Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu emplacar reportagens sobre este mundo e os seus valores, mesmo que elas sejam desprovidas de fato gerador, de lastro na realidade. Com tiragem nacional que oscila – entre as edições analisadas – de 1,5 a 2,5 milhões de cópias, um material com estética jornalística é distribuído por todo território nacional e considerado, porque material profissional, objetivo, neutro e detentor da verdade, quando, na verdade, não passa, quem sabe, de um veículo promotor da IURD. Esta conclusão, apesar de nos dizer mais sobre a instituição religiosa do que sobre o jornal produzido por ela, diz-nos mais ainda sobre os jornalistas que produzem a *Folha Universal*. A partir de nossas análises portanto, não é possível pensar o jornal *Folha Universal* sem relação com a Igreja Universal do Reino de Deus, sua financiadora.

Em nossa concepção, jornalistas são historiadores do cotidiano. Quando apuram, redigem e publicam uma matéria estão, do seu modo, documentando aspectos sobressalentes da realidade observada e, por conseguinte, auxiliando o tecer da história. Caso jornalistas não deem a atenção necessária às etapas de seu ofício e o execute sem a responsabilidade devida corremos o risco de escrevermos a história às avessas e, desse modo, não colaborar para uma efetiva construção da memória coletiva e, conseqüentemente, do imaginário social. Um jornalista “distraído” de sua responsabilidade social oferece oportunidade para um outro apropriar-se de seu discurso e, a partir dele, produzir uma versão da história. As marcas identitárias dos sujeitos jornalistas da *Folha Universal*, ademais, nos faz refletir sobre a função social do jornalista e acerca dos limites éticos de sua profissão.

É certo que esta investigação colabora com o debate contemporâneo sobre a relação comunicação-religião, mostra caminhos, potencialidades, possibilidades.

7 REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. de. A identidade jornalística no Brasil: algumas questões teóricas e metodológicas. **E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, Brasília, n. 1, p. 1-14, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/17/18>>. Acesso em: 19 abr. 2015.
- BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BRUCK, M. S. Jornalistas e teoria: uma conciliação possível?. In **Texto: UFRGS On Line**, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p.16-32, dez. 2011. Mensal. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/download/22928/14479>>. Acesso em: 08 ago. 2014.
- ESCOSTEGUY, A. C. de. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Estudos Culturais, 8).
- FOLHA UNIVERSAL**. São Paulo, 11 ago. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/Kb80KZ>>. Acesso em: 19 abr. 2015.
- _____. São Paulo, 07 dez. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/MfZChZ>>. Acesso em: 19 abr. 2015.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- KELLNER, D. **Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARIANO, R. **Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PIERUCCI, A. F.; PRANDI, J. R. **A realidade social das religiões no Brasil: Religião, sociedade e política**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PRANDI, R. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social: revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.155-172, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/08.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2014.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2004.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UNB, 1991.
- WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Fundação Editora da Unesp: São Paulo, 2005.
- WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.